



REVISTA  
**ESPACIO<sup>y</sup>  
SOCIEDAD**  
Año 2 - N° 2 - 2018





REVISTA  
**ESPACIO**  
y  
**SOCIEDAD**

Año 2 - N° 2 - 2018  
ISSN 0719-8922



Camilo Catrillanca Marín  
1994 - 2018

REVISTA ESPACIO Y SOCIEDAD

EDITORA

Mg. Cristina Bonilla

COMITÉ EDITORIAL

Lic. Ignacio Celis

Dr. Froilán Cubillos

Mg. Marcela Fernández

Dr. José Antonio Segrelles

DIAGRAMACIÓN

Felipe Morales

ILUSTRACIONES

Enzo Castillo

REVISTA ESPACIO Y SOCIEDAD

AÑO 2 – N° 2 – 2018

Es una publicación del Colectivo de  
Geografía Crítica Gladys Armijo.

Primera edición digital  
Valparaíso - Santiago - Buenos Aires

Esta revista se puede reproducir total o  
parcialmente, siempre que sea sin fines  
comerciales y citando al autor o autora  
de los artículos y ensayos.



# índice

## ECOLIGISMO, MOVIMIENTOS POPULARES Y LUCHAS SOCIOAMBIENTALES EN CENTROAMÉRICA

César Saravia

*Pag 8 - 23*

## CARTOGRAFÍAS URBANAS: LA RELACIÓN DEL TERRITORIO Y EDUCACIÓN A TRAVÉS DEL JUEGO SOCIOREKA

Mariana Amalia de Carvalho Castro e Silva

João Clemente de Souza Neto

*Pag 24 - 33*

## “ESTADO” HÍDRICO EN TERRITORIOS SURCADOS POR INUNDACIONES Y ESCASEZ DE AGUA: LA GESTIÓN DEL TERRITORIO EN LA CUENCA DEL RÍO LUJÁN Y LA CUENCA DEL RÍO MENDOZA, ARGENTINA

María Virginia Grosso Cepparo Alejandra Valverde

*Pag 34 - 55*

## HACIA UNA CARACTERIZACIÓN DE LAS TRANSFORMACIONES TERRITORIALES DEL NGULUMAPU

Juan José Navarro Martínez

*Pag 56 - 77*

## CARTOGRAFÍA SOCIAL: MAPEANDO EL CONFLICTO EN COLOMBIA

Francys Andrea Garzón Gutiérrez

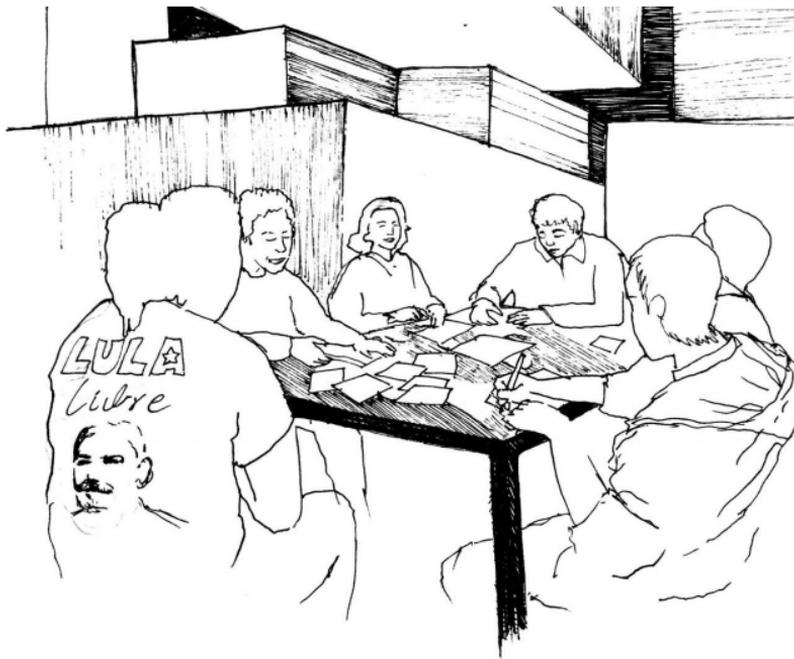
*Pag 78 - 103*

## TRANSFORMACIÓN PSICOSOCIAL EN LA POBLACIÓN EL BARRERO DE HUECHURABA, SANTIAGO DE CHILE

Loreto Montoya Stuardo

Karol Toro Venegas

*Pag 104 - 115*



\*Socióloga y estudiante de maestría en Educación,  
Arte e Historia da Cultura en la Universidad  
Presbiteriana Mackenzie São Paulo – Brasil  
Email: mari\_amaliacs@hotmail.com

\*\*Sociólogo, master y doctor en Ciencias Sociales.  
Profesor y director de tesis em la Universidad  
Presbiteriana Mackenzie São Paulo – Brasil

# **Cartografías urbanas: La relación del territorio y educación a través del juego Socioreka**

Mariana Amalia de Carvalho Castro e Silva \*

João Clemente de Souza Neto \*\*

## **Resumen**

Los contextos de la vida crean “situaciones de aprendizaje”, donde el educador es un mediador cultural. Utilizar los recursos didácticos en conjunto a la propuesta de formación del ser social, es realizar un ejercicio de transposición y construcción que no es fácilmente revelado en diario de la escuela.

El presente trabajo, tiene como propuesta, utilizar la interdisciplinaridad en la comprensión del territorio, en una perspectiva de imaginación y sensibilidad a través de la cartografía sensible. Este puede ser un ejercicio de identificación y formación del sujeto urbano, que interviene y aprende en la ciudad. El análisis del espacio urbano en las relaciones entre: temporalidad y los cuerpos que lo habitan, es una forma de conceptualizar y aproximar al educando de la historia, geografía, sociología y las diversas áreas del conocimiento que constituyen su experiencia.

El educador es sujeto y mediador: aprende sobre lo que enseña y cómo se compone este proceso. Tenemos como “objeto propuesto” el juego de cartas “Socioreka”, formulado para discusión del territorio en su patrimonio material y cultural y los sujetos que constituyen. Nuestro objetivo central es la formulación de la práctica docente para la formación del ser social emancipado.

**Palabras clave: Imaginación sociológica, cartografía, ciudad, educación social.**

## Introdução

O questionamento da realidade não se faz em uma mera reprodução da mesma. Existiria nas cidades, ruas, casas, entre as pessoas, uma ordem invisível? Uma forma de vida em comum que não se percebe imediatamente pelos sentidos?

Viver é contribuir para o reforço dos padrões sociais, em um diálogo mútuo onde somos construídos e construímos, portanto podemos modifica-los.

Os contextos de vida criam “contextos de aprendizagem”. A realidade de cada educando compõe sua conjuntura histórica. O que eu quero aprender? Perpassa pela sensibilidade e forma em que cada indivíduo é afetado no processo educacional. O professor é mediador, no processo de ensino e aprendizagem, este não pode ser apenas uma transmissão de conteúdo, mas para que o professor utilize recursos didáticos aliados ao seu conhecimento disciplinar, em uma prática escolar, é necessário um exercício de transposição e construção que não se revela facilmente no chão da escola. Segundo Mizukami (1986):

A desarticulação e a não interferência das linhas teóricas, estudadas em cursos de formação de professores, na prática pedagógica poderá indicar que as teorias que constituem o ideário pedagógico permanecem externas ao professor. Não são incorporadas, discutidas, refletidas a ponto de serem vivenciadas (Mizukami, 1986, p.107).

A curiosidade é propulsora para o questionamento e a reflexão na formação do ser social, este que está “a” para o mundo e é afetado por este. Porém as perturbações da sociedade moderna tornam-se incômodo diário, levando os

indivíduos a uma alienação para proteção e sobrevivência diante das contradições sociais. Onde mora a liberdade das decisões se desconhecemos as opções?

A imaginação em sua etimologia, revela seu adjetivo: “formular imagens”, ideias, um “ir além”. O olhar aqui é ferramenta central, porém este olhar é um ver detido, um olhar investigativo, que não deve ser instrumento exclusivo do pesquisador, a investigação é uma ferramenta para o indivíduo tornar-se sujeito, exercitando a compreensão e as possibilidades de ação dentro das estruturas sociais.

No cotidiano escolar o educador enfrenta a dificuldade de associar as teorias aprendidas durante sua graduação e a prática educacional. O exercício da teoria para prática, torna-se precário ao elencarmos o contexto social que os educadores enfrentam e as especificidades dos seus educandos. Como método e prática podem ser articulados?

O conceito de “Imaginação sociológica” do sociólogo Wright Mills é provocador:

A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais. Dentro dessa agitação, busca-se a estrutura da sociedade moderna, e dentro dessa estrutura são formuladas as psicologias de diferentes homens e mulheres. Através disso, a ansiedade pessoal dos indivíduos é focalizada sobre fatos explícitos e a indiferença do público se transforma em participação nas questões públicas (Mills, 1982, p.11).

A provocação feita por Wright Mills em relação a origem dos temas que são caros ao pesquisador e ao educador nas humanidades, realiza uma reflexão reveladora dos caminhos e escolhas no ato de pesquisar e educar. A obra *Imaginação Sociológica*, de Mills (1982) é um verdadeiro guia e manual, que irá embasar teoricamente o presente trabalho em proposta e método para reflexão sobre as práticas educacionais.

A percepção da imaginação no processo de aprendizagem é um instrumento didático potente. A curiosidade para desnaturalização e questionamento, perpassa pelas relações da construção do conhecimento e sua relação com “mundo social” de cada educando. Como internalizar, compreender e construir o entendimento próprio sem recursos de reflexão profunda e relacionais dos processos que o próprio aluno sofre durante o aprendizado?

Pensar o sujeito em uma perspectiva de consciência, segundo Mills (1982), é tomar sua trajetória pessoal e sua relação com a sociedade e as estruturas sociais. A sociedade moderna é caracterizada por transformações rápidas e completas e estamos repletos de informações, segundo Mills (1982):

Não é apenas de informação que precisam – nesta Idade do fato, a informação lhes domina com frequência a atenção e esmaga a capacidade de assimila-la. Não é apenas da habilidade da razão que precisam – embora sua luta para conquista-la com frequência lhes esgote a limitada energia moral. O que precisam, e o que sentem precisar, é uma qualidade de espírito que lhes ajude a usar a informação e a desenvolver a razão, a fim de perceber, com lucidez, o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro deles mesmos (Mills,1982,

p. 11).

## 1. Desnaturalizando a opressão

Existiria nas cidades, nas ruas, nas casas, entre as pessoas, uma ordem invisível? Uma forma de vida em comum que não se percebe imediatamente pelos sentidos? A constante racionalização da sociedade moderna capitalista, atravessa todas as instituições sociais, é fator estruturante das relações que temos como mais íntimas, como por exemplo o casamento. Vivemos sobre regras que além de culturais, contribuem de forma racionalizada para manutenção dos padrões econômicos e sociais. Para Simone Weil (1979):

Além disso, é preciso dizê-lo, todos nós sofreremos uma certa deformação decorrente de nossa vida na atmosfera da sociedade burguesa, e até nossas aspirações em prol de uma sociedade melhor trazem sua marca. A sociedade burguesa está atacada de uma mania única: a monogamia da contabilidade. Para ela nada tem valor se não puder ser registrado em francos e centavos (Weil, 1979, p.112).

A liberdade e a razão são caras à racionalização moderna. A imaginação sociológica enquanto tomada de “consciência”, tem como barreira o espectro dos fatores estruturantes estabelecidos e a opressão que submete os indivíduos em um exercício de reforço dos padrões e coesão institucional.

O que pediríamos à revolução é a abolição da opressão social; mas para que essa noção tenha pelo menos oportunidade de tomar qualquer significado, é preciso cuidado em distinguir entre opressão e subordinação dos caprichos individuais a uma ordem social. Enquanto houver uma sociedade,

ela encerrará a ida dos indivíduos em limites bem estreitos impondo-lhes suas regras; mas essa compreensão inevitável não deve ser chamada de pressão, a não ser na medida em que, provocando uma separação entre os que a exercem e os que a suportam, puser os segundos ao sabor dos primeiros, fazendo com isso pesar, até o esmagamento físico e moral, a pressão dos que comandam sobre os que executam (Weil, 1979, p.250).

Ao reivindicarmos a necessidade de um “olhar sociológico” na prática educacional, estamos propondo uma “perspectiva que nos leva a ver sob nova luz o próprio mundo em que vivemos. Isto também constitui uma transformação da consciência (Mills, 1982)”. O olhar crítico é necessário em todas as áreas de conhecimento, colocar a prática de ensino na perspectiva da desnaturalização, pode auxiliar aproximação do educando com o conhecimento científico.

A realidade social apresenta-se como possuidora de muitos níveis de significado. A descoberta de cada novo nível modifica a percepção do todo. “Eles estão aqui, e estamos aqui com eles. E o fato de estarmos com eles é, claro, toda a questão. Para outras pessoas nós também somos massas. Massas são as outras pessoas” (Williams, 2011, p.325). A visão da sociedade de massa, em que tudo está entregue e compreendido, anula a possibilidade do questionamento, ou seja, do interesse.

Como despertar a curiosidade sobre si? Será que em nosso cotidiano paramos em algum momento para refletir sobre práticas que nos rodeiam e direcionam nossas vidas? A falta de interesse, tem sido fato recorrente no cotidiano

da prática educacional. O olhar, a investigação, a formulação de questões, são métodos para a construção do conhecimento científico, e deveriam estar presentes na prática educacional, porém este exercício da postura apurativa torna-se difícil no cotidiano escolar. Para o educador:

A necessidade de articulação do aprender, do analisar, do discutir opções teóricas existentes à execução, em situações concretas de ensino-aprendizagem, destas opções teóricas, de forma a que o discurso (o analisado, o lido) e o vivido, se aproximem cada vez mais (Mizukami, 1986, p.108).

A predominância de um ensino tradicional revela as dificuldades de pensar uma prática que considere a perspectiva do educando em conjunto à teoria (metodologia), porém ao sugerirmos uma inversão buscando na imaginação, os elementos práticos, a relação com o teórico, teremos um caminho. O educador não precisa ser o único “detentor” do conhecimento, o saber deve ser construído, ao ensinar em conjunto ele aprende, sobre o que ensina, e como este processo se constitui.

## **2. O que fundamenta a ação docente?**

O “descompasso” do que os educadores identificam em sua prática e o que de fato corresponde à prática educacional, é pungente e reveladora da dimensão da apropriação do educador de sua profissão.

O pensamento científico surge no aprofundamento do conhecimento, do questionamento, assim o olhar curioso torna-se central no processo de aprendizagem sobre a “realidade que

nos cerca” e nosso papel de sujeitos nos processos sociais. A tomada de “consciência” passa pelo processo de “olhar por trás dos bastidores” “Ver além das fachadas das estruturas sociais”.

O conhecimento, grande parte das vezes, provém da autoridade ou do professor ou do livro-texto (quase sempre deste último). Raramente o conhecimento é redescoberto ou recriado pelo aluno, continuando, portanto, desvinculado de suas necessidades e interesses. Nesta conjuntura inexistente a atividade do aluno como objetivo de aprendizagem de conceitos, relações etc.

Este aspecto é de suma importância, pois é um dos critérios mais nítidos para a demarcação entre o ensino tradicional e o ensino renovado (Mizukami, 1986, p.114).

### 3. Cartografia do sentir

As bases construídas para a compreensão dos indivíduos que exercem sua imaginação sociológica têm em sua aliada a história no sentido “ao considerar seus materiais como os efeitos de sistemas (econômicos, sociais, políticos, ideológicos, etc.)” (Certeau, 2011, p.97), a “história de caso” em que cruzamos a historicidade e a biografia, objetiva a compreensão das estratégia de ação, revelando as conexões do “eu” com o “todo”, das “perturbações” que muitos acreditam ser de ordem individual porém revelam-se como questões públicas provenientes das estruturas sociais.

Ter consciência da ideia da estrutura social e utiliza-la com sensibilidade é ser capaz de identificar as ligações entre uma grande variedade de ambientes de pequena escala. Ser capaz de usar isso é possuir a imaginação sociológica (Mills, 1982, p.17).

Com a metodologia da imaginação sociológica, podemos pensar o ensino de forma interdisciplinar, através de temas o educador tem a possibilidade de aliar a biografia dos educandos, aos conteúdos escolares em sua perspectiva social.

Discutir as cidades é um tema que possui uma abrangência interdisciplinar. O território em que circulamos cotidianamente opera o imaginário social, sua materialidade é constituída pela paisagem e pelas pessoas que ali transitam. A cidade é ação, vivenciar o território deveria ser um exercício de experiência, que segundo Walter Benjamin (2005) nos é destituído na sociedade moderna, porém para Benjamin a infância preserva elementos capazes de experienciar e afetar- se com os elementos sociais, aqui podemos observar que a naturalização das estruturas sociais ainda não está completa na infância e nos revela um caminho para a desnaturalização através do desconhecido.

Tarea de la infancia: introducir el nuevo mundo en el espacio simbólico. Pues el niño puede hacer aquello de lo que el adulto es completamente incapaz: reconocer lo nuevo. Para nosotros las locomotoras tienen ya un carácter simbólico, porque las encontramos en la infancia. Para nuestros niños lo tienen sin embargo los automóviles, en los que nosotros sólo hemos captado el lado nuevo, elegante, moderno, desenfadado. No hay antitesis más estéril e inútil que la que pensadores reaccionarios como Klages se esfuerzan en establecer entre el espacio simbólico de la naturaleza y el de la técnica. A toda configuración verdaderamente nueva de la naturaleza - y en el fondo la técnica es también una de ellas le corresponden nuevas “imágenes”. Toda infancia descubre estas nuevas imágenes para incorporarlas al patrimonio de imágenes de la humanidad (Benjamin, 2005, p.395).

O espaço público é um lugar ocupado, não apenas pelos prédios, comércios, praças ou patrimônios culturais, mas

pelas pessoas, cada um dividido em suas particularidades, a “experiência legítima a vida pública na cidade, é determinante na prática da diversidade social, ela pode ser um fator importante na reorganização do espaço urbano desterritorializando processos simbólicos, problematizando permitindo repensarmos os espaços e nossa participação nos mesmos”. Para Benjamin (2012):

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutam os com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores (Benjamin, 2012, p.214).

O espaço na sociedade moderna é construído de forma relacional, em acordo com os sujeitos que o ocupam, é de extrema importância que os educandos entendem que eles são constituintes das cidades, que suas experiências subjetivas estão alinhadas aos sujeitos históricos que ali já habitaram e as estruturas sociais que nossas ações ajudam a reforçar. Quais as ferramentas de ensino para trabalharmos em tal perspectiva?

#### 4. Socioreka e a biografia dos territórios

Dentro do conceito de “objeto

propositor” “[...] tendo como fundamento o pensamento de Lygia Clark, o contato e a manipulação com materiais tomados da experiência vivida poderiam nutrir o desenvolvimento da imaginação, da fantasia” (Martins, 2012, p.77).

Formulamos o jogo Socioreka<sup>1</sup>, que é construído: aliando as imagens locais e conceitos que podem ser sociológicos, porém tem seu objetivo central a apropriação por diversas áreas de conhecimento. O objetivo central do jogo é romper a lógica da realidade, contribuindo para uma prática desnaturalizada e reflexiva.

O jogo cria uma “interação entre a realidade e a imaginação”(Huiznaga, 1996), construindo possibilidades de discussão e questionamento das relações sociais. Em uma perspectiva interdisciplinar, o jogo se revelou como um verdadeiro camaleão, em algumas oportunidades cruzamos temas diversos com imagens e conceitos e obtivemos resultados de ensino interessantes.

Durante a “Jornada do Patrimônio 2018” na cidade de São Paulo (Estado de São Paulo –Brasil), evento realizado pela Prefeitura de São Paulo com tema central “Uma cidade, muitas mãos”, foi aplicado uma oficina com título “Socioreka: Um olhar curioso sobre a cidade e as práticas culturais”<sup>2</sup>.

1 O jogo de cartas Socioreka foi inicialmente formulado em minha experiência no Laboratório itinerante de ensino de sociologia na Universidade Estadual de Maringá –Paraná Br. Nos anos de 2009-2010. [www.jornadadopatrimonio.prefeitura.sp.gov.br/2018/events/socioreka-um-olhar-curioso-sobre-a-cidade-e-as-praticas-culturais/](http://www.jornadadopatrimonio.prefeitura.sp.gov.br/2018/events/socioreka-um-olhar-curioso-sobre-a-cidade-e-as-praticas-culturais/) (acesso 12/11/2018)

Nesta oficina, nossa proposta foi a discussão do patrimônio imaterial e os personagens que constituem a cidade. Através do jogo, resgatamos figuras históricas que construíram o território central da cidade de São Paulo, na rua Consolação, com cartas de imagens de lugares habitados por estas pessoas e suas imagens, foram relacionados conceitos sociológicos, filosóficos e geográficos sobre a constituição do território. O foco na biografia e momentos históricos aliados a geografia do território tiveram objetivo central, proporcionar aos participantes a reflexão da presença dos sujeitos históricos e como as estruturas sociais são constituintes e constituídas pelos moradores da cidade. Utilizamos um mapa demarcado com os pontos na cidade de São Paulo que discutimos com os participantes, este mapa é de livre acesso na plataforma do Google Maps<sup>3</sup>, o educador que desejar utilizar deste meio tecnológico, irá ter de fácil acesso a possibilidade de personalizar mapas em acordo com seu trabalho pedagógico.

## 5. Resultados esperados

Buscamos em nosso trabalho a reflexão sobre uma prática educacional alternativa. A proposta de “criar” situações de aprendizagem para o despertar de interesse, portanto curiosidade, sobre os diversos conhecimentos presentes no processo de aprendizagem, é um instrumento no despertar da consciência para o sujeito. A confecção de materiais e possíveis ferramentas para atuação do educador devem surgir das experiências de campo, a formulação de estratégias é um auxílio na desnaturalização do “olhar” e possíveis perspectivas inovadoras na

[www.google.com/maps/d/viewer?mid=1dzLol-djvik2ce-0risjDDVVj5Xhrleoy&ll=-23.557005180058834%2C-46.65700425&z=13](http://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1dzLol-djvik2ce-0risjDDVVj5Xhrleoy&ll=-23.557005180058834%2C-46.65700425&z=13) Acesso 20/11/2018

prática educacional.

Discutir o território é necessário e urgente, sua apropriação e reivindicação atravessam a tomada de consciência do sujeito. “A realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo” (Freire, 2001, p.46), a tomada dos espaços públicos, a falta de identificação com a cidades verticalizadas de forma excludente, fenômeno denominado gentrificação (Smith, 1996), massifica os centros das cidades e delimita um território apenas pelo capital de compra. No processo educativo a reflexão sobre as questões sociais desmistifica a sociedade, trilhando um caminho para o uso da razão e liberdade.

Ao contrário, porque sou opressor, tenho a tendência a mis-“tificar a realidade que se dá à captação dos oprimidos, para os quais a captação é feita de maneira mística e não crítica. O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmitificação. Por isso mesmo a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a des-vela para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante (Freire, 2001, p.33).

A imaginação sociológica aliada de forma interdisciplinar as diversas áreas de conhecimento, em um exercício observação, seria capaz assim como um óculo 3D, de revelar ao sujeito nuances da sociedade que estão normatizadas pelo cotidiano massificante.

\*\*\*

- Benjamin, W. (2005). *Libro de los pasajes*. Madrid: Ediciones Akal.
- \_\_\_\_\_. (2012). *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. (Obras Escolhidas v. I). São Paulo: Brasiliense.
- Berger, P. (1976). *Perspectiva Sociológicas: Uma visão humanística*. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Vozes.
- Certeau, M. (2008). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (2011). O “romance” psicanalítico. História e literatura. In: História e Psicanálise. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 91 – 115.
- Fernandes, F. (1967). *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional.
- \_\_\_\_\_. (1977). *A sociologia no Brasil; contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1978). *A condição de sociólogo*. São Paulo: Hucitec.
- Freire, P. (2001). *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa*. Editora Paz e Terra. Coleção Saberes.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Pedagogia do Oprimido*. 49.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (2015). *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 2a Edição – São Paulo: Paz e Terra.
- Huizinga, J. (1996). *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva.
- Jarry, A. (2016). *Ubu rei*. São Paulo: Peixoto Neto.
- Martins, M. C., Picosque, G. (2012). *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. 2a Edição – São Paulo: Intermeios.
- Mills, C. (1982). *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Mizukami, M. (1986). *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU. (Temas básicos de educação e ensino).
- Smith, N. (1996). *The New Urban Frontier. Gentrification and the Revanchist City*. Londres: Routledge.
- Weil, S. (1979). *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Editora: Paz e Terra.
- Williams, R. (2011). *Conclusão*. In: \_\_\_\_\_. *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell*, Petrópolis: Editora Vozes, p. 321 – 361.